

# A CAPITAL

Director: FRANCISCO DE SOUSA TAVARES  
Director-adjunto: RODOLFO IRIARTE



**P.S.D. PROPÕE**

**« Alternativa  
social-democrata  
a Governo  
social-conservador »**

(PÁGINA CENTRAL)

## FRANÇA "ESCOLHE" GISCARD

# VITÓRIA DA DIREITA DIVIDE A ESQUERDA



(Telefoto U.P.I. - Anop p/ - A Capital -)

Uma jovem com a cruz de Lorena (símbolo gaullista) no peito e a bandeira da França na mão, festeja a vitória da maioria presidencial

### RESULTADOS FINAIS

São os seguintes os resultados totais oficiais das eleições francesas:

Maioria de Centro-Direita .....	291
Giscardianos .....	137
Gaullistas .....	148
Outros de direita .....	6
Oposição de Esquerda .....	200
Comunistas .....	86
Socialistas .....	103
Radicais de esquerda .....	10
Outra esquerda .....	1
Total .....	491

FRANCISCO DE SOUSA TAVARES escreve de PARIS

**BASÍLIO HORTA anuncia**

## CAMPANHA DE FISCALIZAÇÃO ECONÓMICA

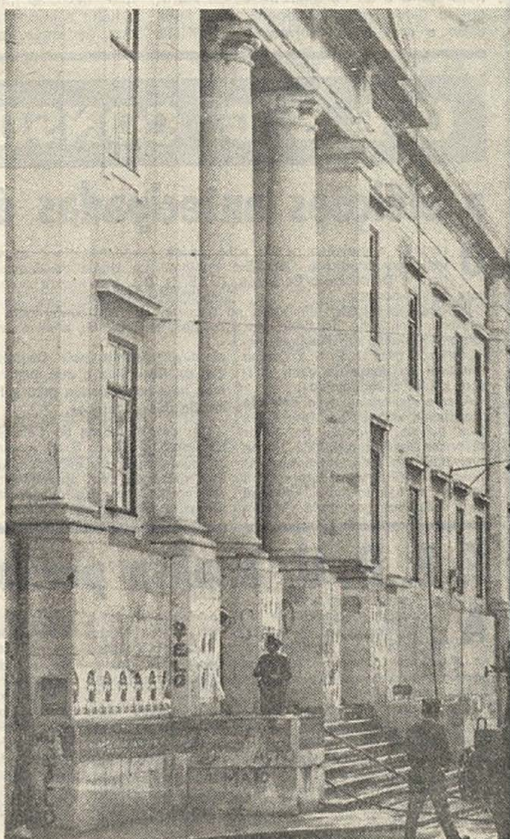
## BACALHAU E AZEITE LANÇADOS NO MERCADO

O ministro Basílio Horta anunciou hoje o início de uma campanha de fiscalização económica em todo o País, com a duração de dez dias.

A campanha, que foi já hoje mesmo posta em prática, tem em vista nomeadamente detectar casos de

(Continua na pág. central)

## PATRIMÓNIO NACIONAL EM PERIGO



Os pilares, com quase um século, da Faculdade de Ciências de Lisboa resistiram às chamas e desafiam agora a consciência dos homens responsáveis

## FACULDADE DE CIÊNCIAS ARDE COM AVISO PRÉVIO

# PATRIMÓNIO NACIONAL EM PERIGO

A Faculdade de Ciências de Lisboa ardeu com aviso prévio. As palavras de alguns homens sobrevivem às chamas devoradoras. Os bombeiros sentiram as dificuldades que haviam previsto há três anos. Mas do fumo do rescaldo deste fogo «surrealista», não surgiu um único responsável. Passada que está esta dura lição de fogo e cinzas, membros do conselho directivo daquele estabelecimento de ensino superior deram já uma vista de olhos a duas alternativas para o prosseguimento das aulas indispensáveis a cerca de três mil alunos. Trata-se de um edifício na Avenida 24 de Julho, destinado ao M. E. C., e do Palácio Bramão. «Por este andar, pressinto com pavor que os meus netos tenham dificuldade de obter dados sobre D. Afonso Henriques ou Vasco da Gama», afirmou-nos um catedrático reformado. Efectivamente, o pavoroso incêndio da madrugada do último sábado vem dar a certeza de que o património nacional está, quase no seu todo, entregue à «beata» atirada ao acaso.

Por outro lado, suscita sérias dúvidas a teoria do fogo posto. A imprensa «engoliu» por inteiro um telefonema anónimo feito para a agência nacional Anop. Segundo certos observadores, parece não haver dúvidas de que a chamada Codedo, grupo de extrema-direita, nada mais fez do que uma manobra de desinformação, aproveitando um facto consumado para fazer eclodir uma onda de pressão psicológica. Espera-se para hoje um relatório dos bombeiros sobre o incêndio na Faculdade de Ciências de Lisboa. Por seu turno, o conselho directivo da faculdade convocou todos os «habitantes da escola» para uma assembleia geral marcada para hoje, na aula magna da reitoria, com a intenção firme de garantir que o início do próximo semestre de aulas não seja prejudicado.

Pois no Arquivo Nacional da Torre do Tombo existem, como todos os portugueses sabem, valiosíssimos documentos. Em 1181 foi previsto o «extravio» dos actos mais solenes, como os «testamentos dos monarcas», o que levou a cartas «consumíveis», ou seja, em termos do nosso tempo, a fotocópias.

Mais tarde, D. Afonso V «ordenou que se tirassem as substâncias para livros novos e as outras ficassem». Foi durante a análise destes dados históricos que um dos nossos interlocutores afirmou:

«A Torre do Tombo tem todas as condições para oferecer um dos maiores incêndios de Lisboa. Espero bem que sejam fundamentados os receios do nosso rei D. Afonso V...».

## Bombeiros sem autoridade

A Faculdade de Ciências de Lisboa foi alvo de um «fogo programado pela incompetência». Esta é a opinião espontânea que hoje mesmo pode ser captada em plena rua. Mas o resto dos homens sem nervo levou os jornalistas até ao segundo-comandante do

FERNANDO CARNEIRO  
e F. CASTRO  
(TEXTO)  
FERNANDO RICARDO  
(FOTOS)

Batalhão de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

Segundo nos afirmou o citado comandante, major João José da Silva Veiga, «a corporação não tem qualquer autoridade para impor esquemas de segurança contra incêndios nos edifícios públicos».

«Nós só fazemos vistorias aos edifícios públicos quando elas são solicitadas pelas entidades competentes. Nestes casos, e depois de apresentarmos os respectivos relatórios, não voltamos a ser consultados», acrescentou.

O segundo-comandante do B. S. B. disse-nos, ainda, que «de uma maneira geral, se não houver meios que permitam uma intervenção rápida dos bombeiros nos monumentos nacionais, nada se poderá fazer. Lamentavelmente, as normas de segurança contra incêndios não abrangem os edifícios públicos».

No que respecta à Faculdade de Ciências de Lisboa, «foram tomadas algumas medidas de segurança aconselhadas pelo B. S. B., mas, quanto ao essencial, nada foi feito», concluiu aquele responsável do B. S. B.

## «Rescaldo das consciências»

Parece que não basta fazer o rescaldo do incêndio que nos deixou mais pobres. Interesse agora, com calma, isenção e justiça, proceder ao rescaldo das consciências. Todas estas palavras nos foram inspiradas por um antigo mestre da decepada Faculdade de Ciências de Lisboa.

Sabe-se, para já, que um relatório dos bombeiros que advertia para a grande vulnerabilidade ao fogo das instalações da faculdade agora atingida, ficou pelo fundo das gavetas. perante o alarme, procedeu-se à instalação de alguns extintores e à monta-

## PROF. KURT JACOBSONH A «A CAPITAL»

# FOGO CONSUME «TESOUROS» INSUBSTITUÍVEIS



Prof. Kurt Jacobsohn: «A Faculdade de Ciências ficará paralisada durante muito tempo; o problema não consiste apenas na transferência da escola mas, sobretudo, na substituição das riquezas que se perderam, muitas das quais são irreparáveis»

O prof. dr. Kurt Paulo Jacobsohn, investigador do Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral e catedrático jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa, afirmou a «A Capital» que aquela escola superior ficará paralisada durante muito tempo, devido ao incêndio que a destruiu na madrugada de sábado. «Não se trata apenas de um problema de transferência, mas também, e fundamentalmente, dos «tesouros» que o fogo consumiu, os quais são insubstituíveis», observou o cientista. Kurt Jacobsohn referia-se à perda do Museu de História Natural do Bocage, considerado um dos mais bem aparelhados do mundo, do Museu de Mineralogia, de bibliotecas onde existiam volumes raríssimos e de documentos inéditos de pesquisa. «Nada disto tem preço», acentuou o investigador.

Segundo Kurt Jacobsohn, a transferência da Faculdade de Ciências de Lisboa e a criação das condições mínimas indispensáveis para o seu funcionamento, é assunto para ser tratado com prioridade, a nível ministerial. «Salvaram-se os laboratórios de Química, mas esta é apenas uma das várias ciências da qual a escola não faz sentido pó-la de novo em actividade apenas com uma secção», disse-nos o professor.

Kurt Paulo Jacobsohn nasceu em Berlim, no mês de Outubro de 1904 e naturalizou-se cidadão português aos 30 anos de idade. Frequentou a Universidade de Berlim, onde se formou em Ciências Físico-Químicas e onde se doutorou em Filosofia e exerceu as funções de assistente do Instituto Kaiser Wilhelm de Bioquímica daquela cidade, de 1926 a 1929.

Convidado pelo fundador do Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral a trabalhar nesta instituição, Kurt Jacobsohn veio para Lisboa naquele ano, tendo entrado também para a Faculdade de Ciências de Lisboa em 1934, onde regeu as cadeiras de Química Orgânica e de Análise (segunda parte). Pouco tempo depois, foi reconhecido o seu doutoramento em Ciências Físico-Químicas pelas universidades portuguesas. O prof. dr. Jacobsohn foi secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Química Pura e Aplicada, da Sociedade de Biologia e da Société de Chimie-Biologique de Paris. Em 1934, fez parte da delegação portuguesa ao Congresso Internacional de Química realizado em Madrid e, três anos mais tarde, foi enviado em missão oficial à Holanda, Alemanha, Dinamarca, Suécia e Inglaterra.

Cientista de grande mérito, Kurt Jacobsohn publicou em revistas portuguesas, francesas e alemãs, de colaboração com investigadores portugueses, quase 300 trabalhos de investigação científica sobre assuntos de zoologia, química bioquímica, estereó-química e outros. Dirigidos ao ensino universitário, Jacobsohn publicou ainda livros sobre Química Geral, Química Orgânica e Introdução à Química Orgânica, de colaboração com o prof. Ferreira de Mira e Pereira Forjaz.

## «Fiquei perplexo»

«Cheguei aos 73 anos e é com muita saudade que recordo o tempo em que trabalhei e ensinei na Faculdade de Ciências de Lisboa. Quando tive conhecimento da notícia do incêndio fiquei perplexo. Eu nem

queria acreditar que tinham sido riscadas do património da escola coisa tão preciosas e admiradas em todo o mundo, como o Museu Bocage (História Natural) — afirmou-nos o prof. dr. Kurt Jacobsohn.

«Naquele recanto da faculdade — acrescentou — existiam algumas espécies raras, sobretudo de aves. A sua destruição é irreparável... que ninguém tenha dúvidas. O prémio Nobel da Literatura alemã, Thomas Mann, referiu-se especialmente ao Museu de História Natural da Faculdade de Ciências de Lisboa.»

Kurt Jacobsohn disse-nos, ainda, que o primeiro recheio do Museu de História Natural Barbosa du Bocage foi constituído por exemplares transferidos em 1858 do antigo gabinete de História Natural da Academia das Ciências. «O seu enriquecimento ficou a dever-se a algumas ofertas importantes feitas mais tarde por D. Pedro V e D. Luís e também a exemplares provenientes das antigas colónias de Portugal em África», explicou-nos.

Em 1928, a valiosa colecção do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências de Lisboa contava já com 1360 exemplares de mamíferos, 9909 de aves, 2910 de répteis, 482 de batráquios, 2746 de crustáceos, 50 mil de insectos, 20 mil de coleopteros, (ordem de insectos) 10 mil lepidópteros, (outra ordem de insectos) além de outras espécies. A colecção de conchas era igualmente notável.

## Edifício histórico

«O próprio edifício onde estava instalada a faculdade — referiu-nos o professor — tinha a sua importância histórica. Nos terrenos onde se situam agora pouco mais do que as suas ruínas calcinadas, foi o Convento de São Francisco da Cidade, o qual não viria a resistir ao terramoto de 1755. Mandado reconstruir pelo marquês de Pombal, nele foi instalado o Colégio dos Nobres, que se manteve ali até 1837, data em que deu lugar à Escola Politécnica.»

«Porém, em 22 de Abril de 1843 aquela escola foi totalmente destruída por um incêndio, sendo depois reconstruído, sobre os escombros do primeiro, um novo edifício, que foi inaugurado em 1878. Completava este ano, portanto, um século de existência.»

As chamas que irromperam na madrugada de sábado na ala central do edifício e se propagaram a todas as zonas circundantes, devoraram outros «tesouros», como o Museu de Mineralogia e a sua biblioteca, onde se encontravam muitos exemplares raríssimos, preparações microscópicas, documentos inéditos de pesquisa, gravuras únicas no mundo e arquivos de material para doutoramentos.

«Assim é — confirmou-nos o prof. Kurt Jacobsohn — Foi uma catástrofe. Como será possível ensinar agora Mineralogia sem o seu precioso museu? O fogo consumiu tudo... livros importantes... documentos que representavam muitos anos de trabalho de pessoas dedicadas à investigação, não só em Mineralogia, como Física, etc.

«Trabalharam e ensinaram ali homens de muito valor. O prof. Aquiles Machado, por exemplo, de quem eu fui sucessor. Aconteceu em 1955, ou seja 21 anos depois da minha entrada na faculdade. Aquela escola foi muito enriquecida por professores como Ramos e Costa, Vicente Gonçalves, Vitor Hugo de Lemos e Santos Guerreiro, em Matemática; Cirilo Soares, Gomes Ferreira, Andrade e Silva, Bragança Gil e Pinto Peixoto, em Física; Torre de Assunção e Matos Alves, em Mineralogia; Antunes Serra e Germano Zacarão, em Zoologia; e Alzira Ferreira, em Química; Pálhinha e Flávio Resende (agora Pinto Lopes), em Botânica... e muitos outros.»

## Falta de meios prejudicam investigação

Ainda na capitulação da investigação, o prof. dr. Kurt Paulo Jacobsohn, afirmou-nos: «Trata-se de um trabalho que foi sempre muito prejudicado pela falta de verba e de espaço. No entanto, ultimamente, o Instituto Nacional de Investigação Científica (I.N.I.C.) mantinha lá vários centros de estudo. O meu está instalado no Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral.»

«Além de falta de verba e de espaço, havia outra coisa que prejudicava a investigação. Refiro-me ao combate que lhe era movido... que lhe foi movido durante muitos anos por aqueles que consideravam o exercício da função docente mais importante do que a investigação científica. Felizmente, hoje, já ninguém pensa assim. O grande problema continua a ser a falta de dinheiro.»

Kurt Jacobsohn recordou também alguns dos muitos professores que realizaram trabalhos importantes na Faculdade de Ciências de Lisboa. São eles, entre outros, Tiago de Oliveira (estatística e cálculo), César Viana (clínica) e Antunes Serra (genética). O prof. César Viana é hoje vice-presidente do I. N. I. C.

Voltando ao incêndio, aquele cientista afirmou-nos:

«A catástrofe teria sido evitada, se as autoridades tivessem prestado mais atenção às inúmeras recomendações que foram feitas, em relação às condições de segurança do edifício. Fixaram-se muitos oficiais ao Ministério competente, o qual tinha também conhecimento de um parecer emitido pelos bombeiros há três anos, sobre o assunto.»

«Contudo — sublinhou Kurt Jacobsohn — nada se fez no sentido de acutar os «tesouros» existentes nas seculares instalações do que foi a Faculdade de Ciências de Lisboa. Resta-nos agora chorar amargamente tudo quanto o País perdeu na madrugada de sábado.»

Depois, concluiu: «É preciso começar quase tudo de novo porque, embora não seja possível reparar muito do que se perdeu, os prejuízos serão ainda maiores, caso a Faculdade não volte à actividade o mais breve possível, como prometeu o ministro Cerdas.»

## E a Torre do Tombo

A perda do valioso património científico e cultural depositado na Faculdade de Ciências de Lisboa, fruto de longos anos de trabalho, conduz a graves interrogações. Eis uma delas: «Que vai acontecer ao que nos resta, depois da igreja de São Domingos, do Teatro D. Maria II e agora da Faculdade de Ciências?»

Efectivamente, segundo a opinião insuspetada e respeitável dos soldados da paz, a maioria esmagadora do nosso património cultural e científico, com relevo para o primeiro, repousa sobre um verdadeiro barril de pólvora.

Porque o rol dos nossos «cabedais» ameaçado é longo, triste e medonho, alguém nos recordou a existência de uma próxima tocha devoradora: a Torre do Tombo.

gem de bocas de incêndio, trabalhos que se arrastaram de forma considerada «muito estranha».

O ritmo das obras na faculdade, especialmente na ala leste, intrigava os professores e alunos que ali passavam diariamente. «Sim, de facto só havia que pensar num empreiteiro malandro ou num fiscal adormecido», acentuou-nos um dos muitos alunos com quem trocámos impressões.

Deixando de lado o aproveitamento político que se possa retirar da tragédia, o certo é que os bombeiros sentiram enormes dificuldades precisamente na ala do edifício onde as chamas lavravam mais alto.

De acordo com os responsáveis pela direcção da Faculdade de Ciências — citamos agora a agência Anop —, «se o incêndio se tivesse verificado há cerca de um mês, nenhum carro dos bombeiros podia ter penetrado no recinto universitário».

### Lágrimas sentidas

Existe algo que nenhum partido político conseguiu despoletar e manobrar: as lágrimas sentidas de professores e alunos que vieram arder a sua faculdade. Estavam ali muitos populares que na meta dos nervos exigiam soluções em praça pública. Mais calmos estão os quatro bombeiros que na noite passada vigiaram as cinzas das estruturas atingidas pelo fogo.

E à nossa mesa de reportagem chegou um telegrama da Anop que vem colocar mais uma tónica neste problema onde o nevoeiro sebastianista foi substituído, espantosamente, neste século e nesta hora, pelos fumos do rescaldo de um incêndio com aviso prévio. Transcrevemos:

«O conselho directivo da Faculdade de Ciências de Lisboa, em comunicado distribuído esta noite (ontem), afirma que «já há muitos anos» tinha alertado as autoridades competentes para os eventuais perigos de deflagração de incêndio nas instalações da Rua da Escola Politécnica.

«O conselho revela que, em relatório elaborado em 1975, os bombeiros da capital tinham considerado o edifício da faculdade como «um dos mais explosivos de Lisboa». No relatório apontava-se para a necessidade urgente de colocação de extintores em locais devidamente demarcados, criação de um sistema de detecção de incêndios, instalação de bocas de incêndio e alargamento dos portões de acesso — que não comportam a entrada dos veículos-tanque de maior dimensão.»

Das necessidades referidas, prossegue o comunicado, «apenas foi possível obter, em Novembro de 1976, da Direcção-Geral do Ensino Superior, a verba necessária para a aquisição dos extintores». As restantes obras, a cargo de outro departamento do Ministério da Educação — Direcção-Geral das Construções Escolares —, «foram sucessivamente proteladas tendo finalmente começado em Agosto de 1977 a colocação de bocas de incêndio», embora tais obras se tenham arrastado «inexplicavelmente até à presente data» e o conselho directivo haja solicitado um inquérito sobre o assunto.

### Reacções partidárias

O incêndio registado na Faculdade de Ciências de Lisboa levou a direcção da Associação de Estudantes daquela escola superior a promover uma assembleia geral de alunos, professores e funcionários, para apreciar a situação criada pela catástrofe. Segundo um comunicado distribuí-

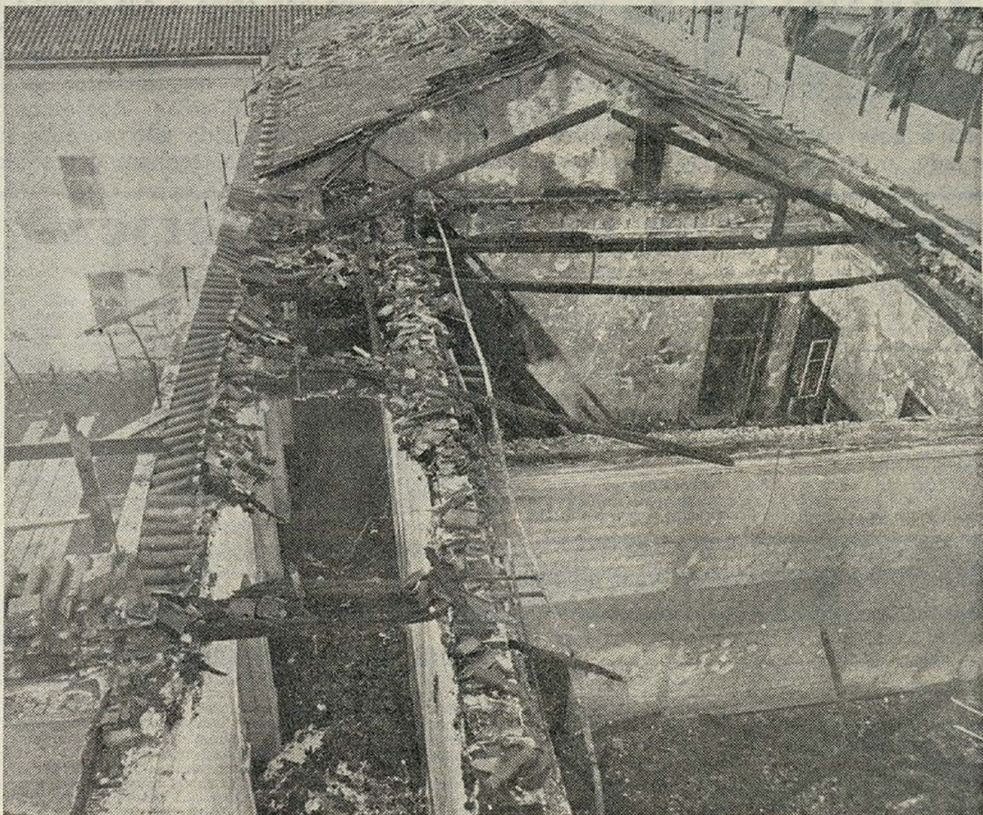
do à população, no qual se salienta que «a perda do edifício representa um prejuízo incalculável para o património cultural e científico do País e, em particular, para os alunos e professores que vêem o prosseguimento do ano lectivo comprometido».

Assinalando que o incêndio fora reivindicado por uma organização fascista, o comunicado salienta que «o atentado tem de merecer uma resposta exemplar» e lembra ainda que o edifício não oferecia condições de segurança e que, desde o 25 de Abril, haviam sido pedidos sistemas de protecção nunca concretizados. A propósito, comenta a direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências:

«A facilidade com que o fogo destruiu a Faculdade de Ciências, e com ela valores incalculáveis para o País, não é alheia à política que o M. E. C. tem vindo a seguir no sentido de impedir a melhoria das condições da universidade.»

O comunicado termina afirmando serem necessárias medidas imediatas que garantam o início das aulas do segundo semestre na data marcada, isto é, a 10 de Abril.

Paralelamente, o P. C. P. distribuiu também um comunicado sobre o mesmo assunto, pondo em evidência «o ódio dos fascistas à cultura e à educação, o seu completo desprezo pelos interesses na-



«Uma dura lição de fogo e cinzas»

# FACULDADE ARDE COM AVISO PRÉVIO

cionais e pela segurança e tranquilidade dos cidadãos.

O P. C. P. considera deverem ser prestadas contas à opinião pública do destino que levaram as advertências quanto à insegurança das instalações da Faculdade de Ciências e que devem ser adoptadas medidas e soluções de emergência com vista ao prosseguimento do ano lectivo, exigindo, ainda, o desmantelamento das redes terroristas, a prisão, o julgamento e a punição severa dos agentes do terrorismo e o desmascaramento dos seus apoios políticos e materiais.

Por sua vez, a U. E. C. — União dos Estudantes Comunistas — refere, igualmente, através de um comunicado, que «o secretário de Estado do Ensino Superior estava a par das condições propícias a incêndio na Faculdade de Ciências».

«O embargo sistemático das obras de construção da nova Faculdade de Ciências — projecto que apenas serviu para ser prometido e adiado a coberto de dificuldades financeiras — é bem o exemplo da política de austeridade orçamental no campo do ensino», salienta a U. E. C.

Também o secretariado da comissão distrital de Lisboa da U. D. P. — União Democrática Popular — manifestou a sua revolta pelo incêndio que destruiu a Faculdade de Ciências.

Num panfleto distribuído à população, a U. D. P. afirma que «a grande responsabilidade cabe ao Governo, pois, tal como anteriormente, nada fez para resolver o problema».

Ainda segundo uma moção aprovada na reunião nacional da F. E. P. U., esta organização política «crítica não terem sido tomadas pelo M. E. C. as medidas de segurança para que tinha sido repetidamente alertado pela Faculdade e recomenda ao Governo que solicite imediato apoio da U. N. E. S. C. O. e de outros organismos internacionais competentes.»



«Normas de segurança contra incêndios não abrangem os edifícios públicos»

## MÁRIO SOARES TELEFONA DA REPÚBLICA DOMINICANA

O Primeiro-Ministro português, Mário Soares, ao ter conhecimento na República Dominicana do incêndio que destruiu a Faculdade de Ciências, telefonou imediatamente para Lisboa a fim de se inteirar mais pormenorizadamente do sinistro.

Mário Soares, segundo soube a Anop, manifestou o desejo de conhecer as consequências do incêndio em toda a sua plenitude e mostrou interesse em saber quais as providências já tomadas, a fim de garantir a continuidade dos cursos universitários.

## Carros de combate em Santa Margarida

### EMBAIXADOR ALEMÃO ENTREGA 18 BLINDADOS

DEZOITO carros de combate de tipo «M-48 A5», que vêm equipar a Brigada Mista Independente (vulgarmente designada «Brigada N. A. T. O.»), foram entregues oficialmente hoje de manhã, pelo embaixador da República Federal da Alemanha, Fritz Caspari, ao vice-chefe do Estado-Maior do Exército Português, general Melo Egídio.

Este material de guerra, proveniente dos Estados Unidos, foi oferecido às Forças Armadas Portuguesas pela República Federal da Alemanha (R. F. A.).

Os carros de combate «M-48 A5» são um blindado médio, de 53 toneladas, tendo como armamento fundamental uma peça de 105 milímetros.

Trata-se de uma versão modernizada dos carros «M-47», que o Exército português também possui, por cedência dos Estados Unidos.

Os carros destinam-se ao reforço do equipamento blindado de Santa Margarida, onde está instalado o quartel-general da Primeira Brigada Mista Independente.

Segundo informação da Embaixada da República Federal da Alemanha, os referidos carros de combate pertenciam aos efectivos das forças armadas da R. F. A. sob o tipo «M-48 A2», tendo sido posteriormente adaptados nos Estados Unidos para o tipo «M-48 A5».

A mesma informação diplomática acrescenta que «a R. F. A. suporta todas as despesas advenientes da colocação de dispositivos, transporte para os Estados Unidos, reequipamento e transporte para Portugal».

«O reequipamento abrange — de acordo com a mesma informação —, além de uma reparação completa, a substituição dos motores originais a gasolina por motores a «Diesel» e dos canhões de calibre 95 mm por canhões modernos de calibre 105 mm, tendo-se procedido a título adicional à modernização de todo o equipamento de telecomunicações.»

## Permanência de Vasco Lourenço na Região Militar de Lisboa posta em questão

O general Rocha Vieira terá colocado recentemente a questão da permanência do general Vasco Lourenço à frente da Região Militar de Lisboa, segundo informações divulgadas pela edição de hoje do matutino «O Dia», por nós confirmadas junto de fonte que nos merece crédito.

Segundo a mesma fonte, não é a primeira vez que o general Rocha Vieira, que se encontra em viagem privada pela Europa, coloca a questão. Sobre o contexto, as razões e o radicalismo que acompanham a posição do chefe do Estado-Maior do Exército nada nos foi possível obter de certo.

O general Vasco Lourenço, que foi graduado no posto quando, em 11 de Agosto de 1976, por proposta do mesmo general Rocha Vieira, foi nomeado pelo Conselho da Revolução governador militar de Lisboa, esteve na semana passada em foco ao ser promovido, por escolha do C. R., de capitão a major. A decisão não obteve o consenso do Conselho da Revolução, tendo havido diversos conselheiros a votar contra, designadamente o chefe do Estado-Maior do Exército. De referir, porém, que o general Ramalho Eanes se mostrou favorável à promoção.

Vasco Lourenço, figura que exerce um cargo reconhecidamente político-militar, é cíclicamente contestado por forças civis e militares identificáveis, sem esforço, com os sectores de direita, no espectro político-partidário do nosso País.

«Em última análise, quem eles pretendem atingir é a própria figura do Presidente da República, general Ramalho Eanes», disse-nos esta manhã uma personalidade bem colocada ao comentar-nos a presente campanha contra Vasco Lourenço.

Um porta-voz do Estado-Maior do Exército, indagado sobre as notícias que correm acerca do general Vasco Lourenço e da própria demissão de Rocha Vieira no caso da sua posição não ser aceite, nada nos pôde adiantar.

**Interdição a Rosa Coutinho**

Entretanto, um outro caso, o do almirante Rosa Coutinho, recentemente integrado

## BOMBEIROS ULTIMAM RELATÓRIO IMPOSSÍVEL DETERMINAR CAUSAS DO SINISTRO NA FACILIDADE DE CIÊNCIAS

ESTÃO praticamente perdidas as esperanças de apurar a efectiva origem do incêndio que deflagrou na noite da passada sexta-feira na Faculdade de Ciências de Lisboa. A meio da manhã de hoje, altura em que se ultimava o relatório sobre o sinistro, o comandante Teixeira Coelho, do Batalhão de Sapadores, revelou que se torna «impossível apurar a origem do incêndio».

«Ainda procurei no local a ver se encontrava qualquer indício que me pudesse levar a tirar alguma conclusão mas não encontrei nada», informou aquele comandante. Interrogado se a impossibilidade de determinar a causa do sinistro era provisória ou definitiva, o comandante Teixeira Coelho foi peremptório: «É definitiva. Não é mesmo possível saber se a causa foi peremptória: «É definitiva. Não é mesmo possível saber se a causa foi acidental ou intencional».

A propósito de um incêndio que anteriormente se verificara naquele estabelecimento de ensino, o chefe da força de bombeiros sapadores recordou que, na ocasião, haviam sido elaborados relatórios dirigidos às autoridades competentes.

### Conhecer a «curva do fogo»

«É necessário que seja criada legislação que estabeleça orientações adequadas

para a prevenção de incêndios», declarou Teixeira Coelho aos jornalistas, para logo de seguida referir, mais incisivo:

«É preciso que se comprometem de que arderam aqui bens preciosos, de valor muito superior a algumas centenas de contos que é quanto custaria montar um dispositivo de prevenção de incêndios.» E explicou:

«Com um dispositivo de prevenção, ficamos a saber a curva de fogo. Dado o alerta, o batalhão sai em 30 segundos, a tempo de dar rápido combate ao incêndio. Toda a gente sabe que os fogos começam por poder ser apagados com um copo de água, depois com um balde e depois... não há bombeiros que cheguem.»

O conselheiro da Revolução e chefe da Casa Militar do Presidente da República, brigadeiro Garcia dos Santos, encontrava-se esta manhã no local onde

ocorreu o sinistro. Interrogado acerca das razões da sua presença, Garcia dos Santos respondeu: «Por curiosidade.» E adiantou: «Dentro das funções de que estou investido, é claro.»

### Misterioso homem das malas

Um elemento do corpo docente da Faculdade de Ciências revelou-nos que, na noite de sexta-feira passada, terá estranhado a presença, junto da Faculdade de Ciências, de um homem de meia-idade, meio calvo, com duas malas na mão.

«Seriam umas nove e meia da noite», informou aquele docente. «O homem aproximou-se de mim e perguntou-me se eu sabia se já tinha saído toda a gente. Disse-lhe que não, que ainda havia alunos em exame e ele agradeceu e afastou-se.»

O mesmo informador declarou nada mais poder adiantar acerca do «homem das malas», afirmando ser possível tratar-se do pai de um aluno que ainda estivesse no edifício.

## Batalha campal entre ciganos faz duas vítimas

Uma mulher foi morta e um homem ficou gravemente ferido em consequência de uma batalha campal travada na noite do passado sábado, em Benfica, durante a celebração de um casamento cigano. O incidente ocorreu cerca das 20 e 30, num acampamento situado em frente dos Serviços Médico-Sociais do Bairro de Santa Cruz, nas traseiras da Avenida Gomes Pereira.

No local estiveram forças da P. S. P., num total de trinta e dois homens, bem como cinco agentes da Polícia Judiciária. Foram encontradas várias cápsulas de balas de 9 mm.

No meio da confusão que se gerou, os criminosos, também de raça cigana e que se pensa serem de nacionalidade espanhola, que teriam vindo a Lisboa para assistir ao casamento, puseram-se em fuga. Em contacto com a Polícia Judiciária, não foi possível apurar se já teriam sido presos alguns desses indivíduos.

As vítimas, Angelina da Conceição Mendes e Francisco Pedro Saavedra, ambos de raça cigana, foram transportadas para o Hospital de Santa Maria, onde a primeira chegou já morta e o segundo foi operado para lhe extrair vários projectéis com que foi atingido.

### Família do morto processa polícia

Os familiares de um indivíduo que no passado dia 10 de corrente mês foi morto a tiro por um guarda da P. S. P., vão intentar uma acção contra esse agente da autoridade.

O caso ocorreu no Bar Europa, em Matosinhos, cerca das duas da madrugada daquele dia. De acordo com a participação policial de então, daquele estabelecimento havia sido solicitada a presença da autoridade para dali ser retirado Eduardo Soares Magalhães de 23 anos, sucatreiro, residente no Bairro de Aldoar, no Porto, sob a acusação de que ele estava a «fornar-se inconveniente». O agente que interveio pô-lo fora do bar, mas como o Magalhães não acatasse a ordem e tentasse agredir o guarda, viria a intervir no caso um outro agente daquela corporação, que perseguiu o sucatreiro, que entretanto se tinha posto em fuga. Durante a perseguição foram dados três tiros, os dois primeiros para o ar e o último atingindo o fugitivo.

A tomada de posição da família da vítima reside no facto de, segundo a mesma, ter havido um quarto disparo já depois de o Eduardo cair.

### O «Toni» foi apanhado

O «Toni», um dos mais conhecidos cadastrados do mundo do crime em Portugal, caiu nas mãos da Polícia Judiciária. A captura do delinqüente, segundo um comunicado da P. J., ficou a dever-se à colaboração do Gabinete da Interpol e das autoridades policiais de França, onde foi localizado.

Trata-se do autor de um assalto, à mão armada, a uma ourivesaria, em Algués, em 1975, pouco depois de ter conseguido escapar da Casa de Reclusão da Região Militar de Lisboa. Por este crime, o referido cadastrado foi condenado recentemente a 12 anos de prisão maior. Entretanto, o «Toni» é ainda co-arguido em processos pendentes noutros tribunais do País, por «crimes muito graves».

### Preso co-autor do homicídio da praia da Bafureira

A Polícia Judiciária deteve o último membro da quadrilha que, há cerca de dois anos e meio, assaltou um casal que se encontrava dentro de um veículo, na praia da Bafureira, em São Pedro do Estoril.

O criminoso, co-autor do roubo e homicídio do cabo da Força Aérea, chamá-se Inocêncio, mais conhecido pelo «Sanita», é procurado em outros processos pela prática de assaltos à mão armada.

Recorde-se que o jovem militar conversava com a namorada dentro do carro quando foi surpreendido e atacado pelo bando, tendo sido morto ao pretender reagir ao assalto.

### FALSO ALARME DE BOMBA EM BANCO DE LISBOA

A Brigada de Minas e Armadilhas da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, passou esta manhã «a pente fino» o edifício do Banco Pinto Sotto Mayor situado na Av. Fontes Pereira de Melo, onde, segundo telefonemas anónimos, estaria colocada uma bomba, facto que não foi confirmado.

## BANCÁRIOS DO NORTE E CENTRO INICIAM REGIME DE PARALISAÇÕES

DANDO cumprimento às decisões recentemente tomadas em assembleias gerais, os bancários do Norte e Centro iniciaram esta tarde um período de paralisações que, prosseguindo até depois de amanhã, darão lugar, a partir da próxima segunda-feira, a uma greve total.

De acordo com um comunicado do Sindicato dos Bancários do Norte, o sistema de luta hoje iniciado e cuja proposta obteve, em assembleia geral, 1412 votos, tem a justificativa do facto de a entidade patronal se propor, «ao nível de negociação do seu contrato (que, datado de 1973, vem sendo negociado desde Novembro de 1976), recuperar a posição que lhe coloco nas mãos o uso e abuso indiscriminado do poder discricionário com que antigamente dispunham, a seu bel-prazer, dos trabalhadores», nomeadamente, «remunera de forma diversa funções iguais; promover transferência de forma aleatória e injustificada; despedir trabalhadores sem instauração do competente processo disciplinar e manter os bancários num esquema previdencial, a nível do C. C. T., que os deixa sem a necessária segurança de reforma, se mudarem de profissão».

As paralisações decorrem entre as 14 e as 18 horas. Pelo facto de estarmos no período da Semana Santa, a banca, mantendo a tradição, encerrará na tarde de quinta-feira santa e todo o dia de sexta. Depois, vem o fim-de-semana e logo a seguir a greve total, a iniciar na segunda-feira. Assim, os bancos esta semana terão a sua actividade reduzida a cerca de 10 por cento.

### Greve no comércio automóvel

Por seu turno, os trabalhadores do sector do comércio automóvel vão paralisar amanhã, a nível nacional, com o objectivo de pressionarem o patronato a negociar a revisão do respectivo contrato colectivo de trabalho — processo que se arrasta há sete meses.

A principal divergência surgida diz respeito ao âmbito do contrato, que a entidade patronal quer restringir. Os sindicatos discordam da proposta dos patrões, não só porque ela implicaria a divisão e o consequente enfraquecimento dos trabalhadores, mas também porque tal solução não é legalmente viável. Nos termos do contrato ainda em vigor, já passou há muito o prazo para que qualquer das partes denunciasses o cláusula respeitante ao âmbito da convenção, facto que não aconteceu.

Perante o prolongado impasse em que caíram as negociações, os Sindicatos envolvidos anunciaram com antecedência o seu propósito de proporrem à classe «formas de luta superiores» de forma a ver solucionado o conflito. No entanto, seguindo-se

no activo na sequência de uma decisão judicial, continua na ordem do dia. Com efeito, o comandante do Corpo de Fuzileiros do Continente, Sousa Campos, enviou uma mensagem aos estabelecimentos sob a sua dependência, na qual interdita a entrada de Rosa Coutinho nesses estabelecimentos. Um informador do Estado-Maior da Armada esclareceu-nos que, apesar de ser uma atitude incommun, o acto do comandante Sousa Campos tem cabimento nas suas funções.

### Farmácias em greve dia 27

Finalmente, a comissão sindical negociadora do contrato colectivo de trabalho dos ajudantes de farmácia entregou um pré-«aviso de greve para o dia 27. De acordo com um dirigente sindical, a greve será a nível nacional e abrangerá todos os trabalhadores do sector (farmácia, administrativo e pessoal de limpeza). A greve do dia 27 tem em vista obrigar a associação patronal a reiniciar as negociações para o novo contrato colectivo de trabalho, que deveria ter entrado em vigor no dia 1 de Dezembro passado. Esta greve irá abranger cerca de seis mil trabalhadores.

Entretanto, com o objectivo de serem tomadas posições que possam ultrapassar o contencioso que existe há cerca de seis meses, entre a Associação Nacional de Farmácias e o Sindicato dos Profissionais de Farmácia do Norte, este último acaba de reunir-se em assembleia geral, cujo

lhos era «apreciar e deliberar sobre o impasse nas negociações do contrato colectivo de trabalho». Presididos os trabalhos por Manuel Ribeiro Sarmiento, na mesa foi recebida uma proposta que viria a ser apoiada, tendo pelo conteúdo da mesma sido decidido confirmar a greve já «decretada» pela comissão negociadora do Sul.

A proposta em causa comenta: «Estão decorridos mais de seis meses desde a apresentação da proposta de revisão do C. C. T. sem que a Associação Nacional das Farmácias se tenha disposto a negociar, tendo vindo, sistematicamente, a iludir as expectativas dos trabalhadores. Os salários actuais estão em vigor desde 1 de Maio de 1976, tendo o poder de compra dos trabalhadores sofrido grave deterioração desde aquela data.»

Após tecer outras considerações, a proposta aprovada preconiza para que «seja dado aval à comissão negociadora sindical para que, caso a Associação Nacional das Farmácias continue a boicotar a negociação do C. C. T., que consagra as mais justas aspirações dos trabalhadores, e neste caso o Ministério do Trabalho não se disponha a contemplar, por via administrativa, as nossas reivindicações, confirma as formas de luta que julgar convenientes, incluindo a greve. Já decretada pela comissão negociadora do Sul».